

94(469)LEA, E\* 46480

# GRANDES CHEFES DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

COORDENAÇÃO DE  
ERNESTO CASTRO LEAL  
E JOSÉ PEDRO ZÚQUETE



Este livro respeita a ortografia anterior ao Novo Acordo Ortográfico.

TÍTULO: Grandes Chefes da História de Portugal  
COORDENAÇÃO: Ernesto Castro Leal e José Pedro Zúquete  
AUTORES: José de Almeida, Rui Bebiano, Miguel Cardina, Paulo Ferreira da Cunha, Miriam Dolhnikoff, Nachman Falbel, Manuel M. Cardoso Leal, Ernesto Castro Leal, Riccardo Marchi, João Gouveia Monteiro, António dos Santos Pereira, Bruno Cardoso Reis, Manuela Tavares, Eduardo Cintra Torres, António Júlio Trigueiros, António Ventura e José Pedro Zúquete  
©2012, Ernesto Castro Leal, José Pedro Zúquete e Texto Editores  
REVISÃO: José Eduardo Didier

CAPA: Maria Manuel Lacerda  
PRÉ-IMPRESSÃO: Leya, S.A.  
IMPRESSÃO e ACABAMENTOS: Multitipo

1.ª Edição • Fevereiro de 2012  
ISBN: 978-972-47-4491-9  
Depósito Legal: 353 020/12  
Reservados todos os direitos

Texto Editores  
Uma editora do Grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide  
www.textoeditores.com  
www.leya.com

É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, *offset*, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da editora, abrangendo esta proibição o texto, os desenhos e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO I O Chefe Lusitano .....	15
José de Almeida	
CAPÍTULO II O Chefe Militar .....	41
João Gouveia Monteiro	
CAPÍTULO III O Chefe Judaico .....	63
Nachman Falbel	
CAPÍTULO IV O Chefe Aventureiro .....	85
António dos Santos Pereira	
CAPÍTULO V O Chefe Jesuíta .....	107
António Júlio Trigueiros	
CAPÍTULO VI O Chefe Luso-brasileiro .....	125
Miriam Dolhnikoff	
CAPÍTULO VII O Chefe Liberal .....	149
Manuel M. Cardoso Leal	
CAPÍTULO VIII O Chefe Maçónico .....	169
António Ventura	

CAPÍTULO IX	A Chefe Feminista	193
	Manuela Tavares	
CAPÍTULO X	O Chefe Republicano	205
	Ernesto Castro Leal	
CAPÍTULO XI	O Chefe Fascista	237
	Eduardo Cintra Torres	
CAPÍTULO XII	O Chefe na Extrema-direita	265
	Riccardo Marchi	
CAPÍTULO XIII	O Chefe Comunista	287
	Rui Bebianco e Miguel Cardina	
CAPÍTULO XIV	O Chefe Diplomático	311
	Bruno Cardoso Reis	
CAPÍTULO XV	O Chefe Constitucional	335
	Paulo Ferreira da Cunha	
CAPÍTULO XVI	O Chefe Imaginário	355
	José Pedro Zúquete	
LISTA DE AUTORES		402
ÍNDICE REMISSIVO		404

## INTRODUÇÃO

Devido à inexistência de obras especificamente dirigidas, de uma forma comparativa, aos temas da chefia e da liderança na História de Portugal este livro preenche uma lacuna. Assim, *Grandes Chefes da História de Portugal* aborda a figura do «chefe», o seu trajecto, influência e simbolismo, em várias áreas humanas, sociais e políticas ao longo do tempo, exemplificando com figuras e episódios relevantes. Além disso, este livro visa corresponder ao espírito dos tempos. Ou seja, desde o início deste complicado e difícil século XXI português que se tem ouvido falar da ausência de «chefes» em Portugal. Embora a palavra utilizada seja geralmente outra, pois «chefe» caiu em desuso (é mais comum ouvir falar na falta de «líderes» em Portugal, uma palavra adaptada ao pós-autoritarismo), é quase impossível não reparar nesse queixume, revelador de um sentimento que se diria geral. Para além disso, e depois de muitas décadas de predomínio de uma historiografia que valorizava as estruturas e as forças colectivas na história, este livro representa uma viragem para o estudo do papel do indivíduo nessa mesma história, não no sentido da apologia do heroísmo individual, mas no reconhecimento da importância de determinadas figuras históricas, e da capacidade que tiveram em marcar as épocas em que viveram.

Etimologicamente, a palavra «chefe» vem do latim, associada à imagem de «cabo». Daí que a palavra «chefe» seja associada a outras como «cabeça» ou «cabeceira», exprimindo sempre a ideia mais geral de «condutor», ou seja, de alguém, ou algo, que vai à frente, dando o exemplo, ou apontando novos caminhos.

Enfim, exprimindo uma imagem de «liderança», uma palavra que é relativamente nova no vocabulário da língua portuguesa, mas que, hoje em dia, se tornou omnipresente. É no sentido amplo da palavra «chefe» que se concentra este volume. Ou seja, ao longo desta obra são analisados exemplos diversos de chefia que, no entanto, são representativos, cada um à sua maneira, de autoridade, formal ou informal, e de influência, passageira ou perene. Por isso, é importante ter a noção, dentro desta perspectiva mais ampla, que a chefia não se limita às acções, por mais marcantes que sejam; ela também se traduz, como os leitores poderão constatar, por ideias, que, embora nem sempre vencendo no tempo em que foram pela primeira vez formuladas, acabarão por marcar o destino dos povos, do português e de outros. Também convém afirmar que a interpretação que os organizadores deste volume dão à palavra «chefe» é neutra. Embora a palavra tenha sido apropriada, quer pela direita (como factor positivo), quer pela esquerda (como denúncia e crítica), neste volume ela é vista essencialmente como um instrumento analítico para ajudar à compreensão de dinâmicas históricas em Portugal. A largueza do conceito de «chefe» nesta obra é visível, quer na diversidade disciplinar e académica dos autores, quer nos vários casos de estudo presentes no volume. Muitos outros estudos sobre chefias, noutras áreas, poderiam ser acrescentados e, infelizmente, alguns programados ficaram pelo caminho. De qualquer maneira, a interdisciplinaridade reina e são reunidas contribuições da história, da ciência política, da filosofia, da sociologia, e do direito. Não foi decretada, à partida, qualquer imposição analítica, e os autores, de uma forma flexível, tiveram a liberdade de discorrer sobre o seu tema da maneira que entenderam, tendo apenas como fio condutor a descrição e análise das tais dinâmicas de chefia. Pode dizer-se portanto que os organizadores, no seu papel de «chefes» deste volume, primaram pela tolerância, e sem despotismos, limitaram-se a apontar o rumo.

Esse rumo começa a ser delineado no primeiro capítulo por José de Almeida, ao retratar a vida e, sobretudo, a posteridade, do chefe lusitano mais famoso, Viriato. Ao escolhermos Viriato para começar o volume não se pretendeu celebrar uma suposta mitogénese do país, mas apenas acentuar a importância da figura histórica de Viriato e a influência que, ao longo dos séculos, a sua figura, mitificada ou não, irá exercer na construção da identidade

nacional portuguesa. Esse estatuto de Viriato, como «semente da antemanhã portuguesa» é exemplarmente retratado pelo autor. João Gouveia Monteiro, no segundo capítulo, descreve a vida e os feitos guerreiros de Nuno Álvares Pereira, esse «herói sem rival na história militar portuguesa», cuja fama iria perdurar ao longo dos tempos, sujeito, no entanto, a diversas apropriações ideológico-políticas. Também o contributo judaico para a História de Portugal permanece, em várias áreas, e é digno de fama. Nachman Falbel, no terceiro capítulo, analisa a vida e os ensinamentos de Isaac Abravanel, judeu português expulso e exilado, estadista e filósofo, figura marcante no plano económico e cultural, e de transição da Idade Média rumo à Modernidade. E se houve um tipo humano que também se notabilizou na história portuguesa, foi o do viajante, explorador e aventureiro. António dos Santos Pereira, no quarto capítulo, ilumina a vida de Pero da Covilhã que se distinguiu nessas missões de exploração territorial, e que, através do disfarce e da fácil adaptação, conseguiu informações essenciais sobre práticas, costumes e rotas comerciais do tempo. Também ligada à exploração, embora tendo em vista sobretudo a evangelização, foi a actividade da Companhia de Jesus. Dos missionários jesuítas imbuídos desse espírito de conquista espiritual destaca-se Francisco Xavier. A sua vida e acção missionária, influenciada pelo modelo de liderança de Inácio de Loyola, e que o levou às terras longínquas da Ásia, é-nos descrita por António Júlio Trigueiros no quinto capítulo.

Miriam Dolhnikoff, no sexto capítulo, dedicado ao chefe luso-brasileiro, faz a apresentação da vida e da obra de José Bonifácio, cientista e político, que passou parte da sua vida em Portugal, defendeu inicialmente a continuação do Brasil como parte, embora autónoma, do império português e que acabaria a sua vida longe do poder e esquecido. Depois da sua morte, será então exaltado como o «patriarca» da independência brasileira. A memória histórica preservou-o e popularizou-o. O mesmo não se pode dizer, por exemplo, de José Luciano de Castro. Durante mais de cinquenta anos, durante a era liberal, ele desenvolveu a sua carreira política. No capítulo sétimo, Manuel M. Cardoso Leal traça a sua vocação política, a sua acção reformadora, o seu papel executivo e o seu perfil de líder, acabando com uma reflexão sobre o «esquecimento quase geral» a que foi votado

no Portugal contemporâneo. E na construção desse Portugal de hoje a presença da maçonaria é inultrapassável (e ainda hoje tão discutida). Sebastião de Magalhães Lima foi o escolhido por António Ventura, no oitavo capítulo, como personificação exemplar do chefe maçónico, descrevendo a sua vida agitada, em Portugal e no estrangeiro, na defesa da maçonaria «imortal como a Liberdade» e merecedora de todos os sacrifícios. O início do século XX ficou também marcado pelo activismo político, social e cultural do feminismo. No nono capítulo, Manuela Tavares, num curto e incisivo texto, descreve a acção de feministas republicanas que se destacaram pela sua liderança.

Já no capítulo décimo, Ernesto Castro Leal analisa o percurso do chefe republicano António José de Almeida, inicialmente um revolucionário destemido contra a monarquia que, ao longo da sua carreira, se transformaria, já com a República consagrada, num liberal moderado, sendo o único presidente da I República que exerceu o seu mandato por completo. Também na mesma altura, os ventos fascistas seduziram Portugal. Eduardo Cintra Torres, no décimo-primeiro capítulo, retrata o percurso cultural e político de João de Castro Osório e a defesa que ele faz, na imprensa e em peças dramáticas, no seguimento da experiência autoritária sidonista, da importância do líder carismático, nacionalista e fascista, para lidar com a sociedade de massas e as multidões. Riccardo Marchi, no décimo-segundo capítulo, desenvolve a temática da chefia na extrema-direita portuguesa, realçando a «ausência» de um chefe indiscutível, como personificação do «Portugal eterno», ou corporização da «alma da nação», algo que Salazar, mesmo que seja de longe o mais celebrado, não chegou a cumprir na plenitude. Rui Bebianco e Miguel Cardina, no décimo-terceiro capítulo, mostram-nos como, embora a ideia de «chefia» não seja um pilar da doutrinação comunista (mais ligada ao colectivo), ela acaba por se manifestar através da defesa da chefia como «intérprete» do sentido da história e como «porta-voz» do radioso futuro no horizonte.

Bruno Cardoso Reis, no décimo-quarto capítulo, fornece-nos uma visão do chefe diplomático Franco Nogueira, relevando o seu papel na profissionalização e agilização da diplomacia portuguesa na segunda metade do século XX, e a promoção incessante, através da política externa, de um projecto colectivo para o país, assente numa visão de Portugalidade que ressalta

também do seu papel como cronista do Estado Novo. No décimo-quinto capítulo, Paulo Ferreira da Cunha enquadra o papel do chefe no Estado constitucional, desde o constitucionalismo monárquico até ao contemporâneo, vendo na Constituição o «protagonista» da história constitucional, ou o seu «verdadeiro» chefe. Finalmente, e a terminar *Grandes Chefes da História de Portugal*, José Pedro Zúquete, no décimo-sexto capítulo, faz uma incursão pelo sebastianismo, desde as suas origens remotas até às suas manifestações mais recentes, quer através de messianismos políticos, quer através da defesa e divulgação de Portugal como um povo eleito e, nesse sentido, precursor de novos caminhos para o mundo.

Também os autores esperam que este volume contribua para abrir caminhos, não propriamente para o mundo, mas para mais estudos de aprofundamento da chefia e da liderança em Portugal.